

Ex
tre
mi
da
de
s:

ex
peri
men
tos
críti
cos

redes audiovisuais | cinema
performance | arte contemporânea

Christine Mello (Org.)

COLEÇÃO
EXTREMIDADES

Estação
das Letras
e Cores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Juliana Farias Motta CRB7/5880

E969

Extremidades: experimentos críticos – redes audiovisuais, cinema, performance, arte contemporânea. / Organização Christine Mello. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017. 208 p.; 13x18 cm. (Extremidades)

Inclui referências

Vários autores

ISBN: 978-85-68552-68-1

1. Cinema - Crítica. 2. Documentário (Cinema). 3. Arte Contemporânea. 4. Crítica de Arte. 5. Performance. II. Mello, Christine. I. Título: experimentos críticos – redes audiovisuais, cinema, performance, arte contemporânea. Série.

CDD 778.59

Índices para catálogo sistemático:

1. Cinema – Crítica.
2. Documentário (Cinema).
3. Arte Contemporânea.
4. Crítica de Arte.
5. Performance.

ESTAÇÃO DAS LETRAS E CORES

DIREÇÃO GERAL: Kathia Castilho

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Kathia Castilho e Tula Fyskatoris

ORGANIZAÇÃO: Christine Mello

PRODUÇÃO: Larissa Alves – FISHEAD Produções

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTO: Cristiane B. Futagawa [Sushi]

EXPERIMENTO, DIREÇÃO DE ARTE E PROJETO GRÁFICO: João Simões

A reprodução parcial deste livro sem fins lucrativos, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio impresso ou eletrônico, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.



Rua Cardoso de Almeida, 788-144
CEP 05013-001 – São Paulo – SP
www.estacaolettras.com.br
kathia.castilho@estacaolettras.com.br



FISHEAD Produções
laricxa@gmail.com

© 2017

- 12 - 18 **EXTREMIDADES: EXPERIMENTOS CRÍTICOS**
Christine Mello
- 22 - 34 **EXPERIÊNCIAS DAS EXTREMIDADES**
Christine Mello
- 38 - 45 **FORA DE CONTROLE: PROCEDIMENTOS
CRIATIVOS EM LUCAS BAMBOZZI**
Christine Mello
- 48 - 71 **EXTREMIDADES DA IMAGEM
CINEMATOGRÁFICA: ESTUDOS EM
WALTER SALLES**
Cyntia Gomes Calhado
- 74 - 100 **O DOCUMENTÁRIO E O DISPOSITIVO NAS
EXTREMIDADES DO VÍDEO: ESTUDOS EM
CAO GUIMARÃES**
Felipe Ferreira Neves
- 102 -133 **POÉTICAS DO ENCONTRO NO DOCUMENTÁRIO
O MURO DA VERGONHA**
Lucas Lespier
- 136-163 **PAISAGENS FLUIDAS: SOBRE A NOÇÃO
DE DISPOSITIVO E A ABORDAGEM DAS
EXTREMIDADES**
Alessandra Bochio e Felipe Merker Castellani
- 166-196 **77 MILLION PAINTINGS: POÉTICAS ENTRE
FRONTEIRAS EM BRIAN ENO**
Juliana Garzillo
- 200-207 **AUTORES E EQUIPE**



Resumo: O presente trabalho é uma crítica sobre os vídeos *Love stories* (1992) e *Aqui de novo* (2003), de Lucas Bambozzi (Matão, SP, 1965). A leitura das obras tem como princípio a abordagem das extremidades por meio do procedimento da *desconstrução*. Este texto foi extraído integralmente do capítulo 6 – Desvios e ruídos do vídeo na cultura digital –, do livro *Extremidades do vídeo*, de Christine Mello, e mantém a padronização original. Agradecemos à Editora Senac São Paulo por ter gentilmente cedido os direitos de reprodução do mesmo.

Palavras-chave: Crítica de arte. Lucas Bambozzi. Abordagem das extremidades.



FORA DE CONTROLE: PROCEDIMENTOS CRIATIVOS EM LUCAS BAMBOZZI

Christine Mello

Afirmar ou negar uma imagem? Desmontá-la? Transgredi-la? Deslocá-la? A tônica de certas produções em vídeo consiste muitas vezes em desconstruí-la, demoli-la e reprocessá-la. Esse tipo de atitude imprime um caráter não formalizador à imagem e é uma forma de chamar a atenção para os imprevistos da linguagem.

A estética dos desvios e ruídos do vídeo digital opera como uma perspectiva de perturbação criativa no cerne da imagética contemporânea. Como um tipo de intervenção no sistema de linguagem, essa ação do vídeo se configura em uma ampla gama de trabalhos realizados no campo das práticas artísticas. Em seu contexto de ação, destacam-se algumas experiências empreendidas por Lucas Bambozzi.

A trajetória artística de Lucas Bambozzi tem início na virada dos anos 1980. Em seu vídeo *Love stories*, produzido em 1992, a partir de uma determinada imagem geradora (no caso um fotograma extraído do filme *Hiroshima mon amour*, de Alain Resnais), Bambozzi reelabora um complexo processo criativo articulado a partir das apropriações que faz entre as realidades da fotografia, do cinema, do vídeo e do computador.

Como um *ready made* duchampiano, Lucas Bambozzi parte de uma imagem preexistente, de lógica industrial, a desloca, a recontextualiza num novo contexto e, portanto, a dessacraliza e a transgride. Ao se apropriar do fotograma do filme de Alain Resnais, imagem conhecida do público, Bambozzi



Figura 1: *Frame do vídeo Love stories (1992), de Lucas Bambozzi.*

40

o desconstrói, o transforma e o multiplica, por meio das inúmeras associações que faz entre esse fotograma e as imagens, textos e sons que compõem o vídeo, impossíveis de serem atribuídos em seu estado original.

Love stories é como um inventário *kitsch* dos clichês decorrentes do ideário da cultura internacional. Para tanto, Bambozzi se apropria de uma série de imagens, músicas e poemas, que são reprocessados sob a forma saturada do acúmulo de materiais e da sobreposição de linguagens, produzidos muitas vezes a partir de condutas erráticas e desviantes. Desse modo, ao dessacralizar os elementos apropriados, ele os transforma em elementos ordinários, grotescos, colocando em confronto a noção de sublime e a noção de paixão.

É no conflito causado entre a imobilidade e a mobilidade dessas imagens, entre as diferentes naturezas de temporalidades existentes em cada uma delas, entre os seus contextos analógicos e digitais, que Lucas Bambozzi desconstrói a tecitura eletrônica do vídeo em prol de um pensamento sobre o excesso,



relacionado tanto aos deslocamentos e trânsitos da imagem e som quanto às angústias e aos sentimentos amorosos.

Em *Love stories*, Bambozzi particulariza os estados da paixão, suas formas de saturação e seus desvios. É no jogo entre a hibridez, a articulação heterogênea de diferentes processos de linguagem, as apropriações indevidas, os erros e a promiscuidade entre os meios, que se constituem a ação artística e os enunciados desse trabalho.

O conjunto de obras de Bambozzi é baseado na criação de zonas de reversibilidade, zonas de estranhamento e tensão como as existentes entre essas imagens roubadas e não roubadas de *Love stories*, zonas táticas causadas no conflito entre a afirmação de uma imagem e ao mesmo tempo a sua negação.

Em outro trabalho de Lucas Bambozzi, *Aqui de novo* (2003), é possível notar que o artista incorpora um conjunto de desvios, de ordem tanto semântica quanto sintática, advindo de estratégias criativas não autorizadas – já que a tônica do trabalho ocorre sob o ato de captar, sem permissão, imagens de transeuntes no espaço público –, objetivando incluir anomalias na imagem, defeitos inesperados surgidos no seu processo de captação, por meio de câmeras digitais de vídeo. Tais recursos criativos, não previstos pelos manuais de uso desses equipamentos, são possíveis de serem observados a olho nu nos estilhaçamentos geométricos produzidos na superfície de imagens processadas digitalmente.

Para compreender

o contexto dessa obra, é preciso lembrar que as primeiras câmeras de vídeo com processamento digital (vendidas em larga escala pela indústria a partir de 1997 e 1998) foram colocadas no mercado por meio de uma forte publicidade em torno de seu alto grau de qualidade e definição da imagem. O discurso vigente apresentava tais câmeras digitais como substitutos dos equipamentos videográficos analógicos, procurando demonstrar que as imagens por elas captadas não estariam fadadas aos defeitos, ou aos conhecidos ruídos, falhas e chuveiros, anteriormente encontrados no sistema analógico.

No entanto, após quatro ou cinco anos de uso intenso de uma dessas câmeras digitais de vídeo, Lucas Bambozzi percebeu que ela apresentava desgastes e consequentes falhas, que repetia as anomalias e distorções pregressas do vídeo analógico. Ou seja, as mesmas deformações figurativas da imagem

42

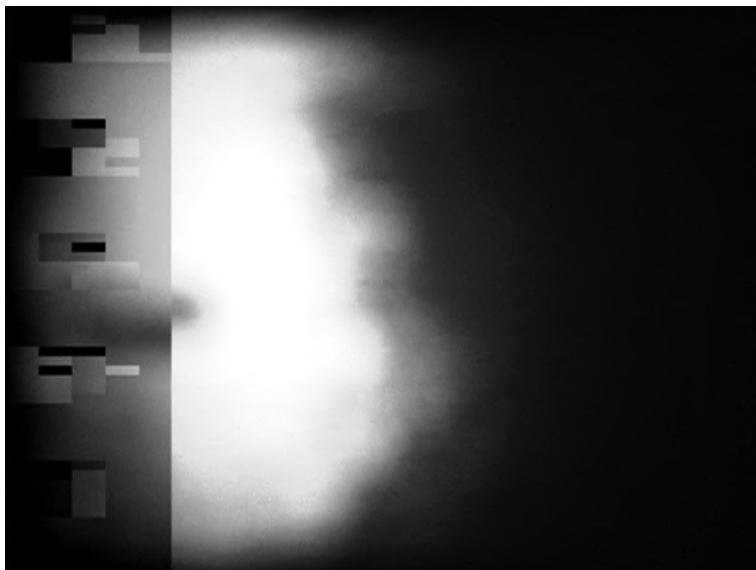


Figura 2: Frame do vídeo *Aqui de novo* (2003), de Lucas Bambozzi.

O conjunto de obras de Bambozzi é baseado na criação de zonas de reversibilidade, zonas de estranhamento e tensão como as existentes entre essas imagens roubadas e não roubadas de Love stories, zonas táticas causadas no conflito entre a afirmação de uma imagem e ao mesmo tempo a sua negação

tantas vezes produzidas intencionalmente na história da videoarte poderiam ser recriadas, no entanto, com outras deformações próprias do meio digital. Em vez de Bambozzi mandar consertar a câmera, ele incorpora o seu erro, captando, com isso, imagens defeituosas para o seu vídeo *Aqui de novo*.

44

Ao produzir esses novos tipos de desvios e ruídos no meio digital, Bambozzi expõe o processual da imagem híbrida, de caráter analógico-digital, dando visibilidade às rasuras e aos seus conflitos de linguagem. Dessa forma, sua iniciativa busca não ocultar do público o processo criativo – ao contrário, exponencia-o, mostra-o em suas entranhas, em suas formas viscerais de diálogo entre aquilo que metaforicamente podemos articular como os “defeitos” e as anomalias produzidas pela escritura digital. É como se, partindo de tal premissa, nos seja facultado em *Aqui de novo* observar a sociedade contemporânea por meio de uma lógica da violação e do desvio.

Para Bambozzi, essa é a forma de um vídeo livrar a arte digital do seu caráter de imagem limpa, asséptica, construída sob controle. Tal procedimento, para ele, proporciona gestos mais livres, mais descontrolados e menos condicionáveis. Como resultado, é possível observar em seu conjunto de trabalhos uma organicidade promovida pela persistente e contínua busca por uma estética aberta ao ruído, à sujeira,

à instabilidade e à falha, que faz do seu trabalho um tipo de arte mais relacionada à vida e à experiência humana.

Ao incorporar a ideia do desvio e do ruído, Lucas Bambozzi opera deslocamentos no ideal de pureza digital, supostamente produzido longe de toda imperfeição analógica. Dessa forma, ele ressemantiza procedimentos criativos existentes no campo dos programas, dos códigos e do imaginário digital.

É possível observar dessa maneira que, em exemplos como esses, o artista, movido pelo espírito desconstrutor já instituído desde as experiências pioneiras da videoarte, passa a experimentar esses defeitos nos meios digitais, assim como a incorporar os irrefutáveis erros e imprevistos do sistema analógico, produzidos, agora, como vídeo digital. Ao incorporar o estranhamento como procedimento de linguagem e evidenciar efeitos de sujeira e distorção na imagem digital, Lucas Bambozzi gera uma rara composição estética. Como uma espécie de transgressão, ou uma metáfora acerca de tensão criativa que há entre a possibilidade de controle-descontrole no meio digital, o artista, que lida conscientemente com esse artifício, sabe que se trata de um modo de obter tanto o efeito de uma crítica ao sistema como um todo quanto circunscrever sua obra numa zona diferenciada, esteticamente fora de controle, nas extremidades.

REFERÊNCIA

MELLO, Christine. Extremidades do vídeo. In:_____. **Desvios e ruídos do vídeo na cultura digital**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008. Parte II, Cap. 6, p. 123-133.



CHRISTINE MELLO

(Rio de Janeiro, RJ, 1966)

Crítica, curadora e pesquisadora, é autora de *Extremidades do vídeo* (Senac, 2008) e coautora de *Tékhne* (MAB, 2010). Doutora e mestre em comunicação e semiótica pela PUC-SP, é professora da pós-graduação em comunicação e semiótica e do curso artes do corpo da PUC-SP, assim como dos cursos de artes visuais e da pós-graduação em fotografia da FAAP, em São Paulo. Como crítica de arte e curadora, trabalhou para Bienal de São Paulo, Videobrasil, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia (Madri), Itaú Cultural, Laboratório Arte Alameda (México DF), Paço das Artes, Sesc São Paulo, entre outros. É coordenadora do Grupo de Estudos Extremidades: redes audiovisuais, cinema, performance e arte contemporânea.



Este livro, publicado pela Editora Estação das Letras e Cores, faz parte da Coleção Extremidades.

Sua impressão e acabamento foram feitos na Assahi Gráfica e Editora, em São Bernardo do Campo, SP.

A fonte do texto é RePublic, desenvolvida por Tomáš Brousil e Stanislav Maršo, da Suitcase Type Foundry. A fonte dos títulos, destaques, notas de rodapé e legendas é a UnB Pro, *open source*, desenvolvida pela Universidade de Brasília a partir da família tipográfica Liberations Sans.

O papel é o pólen 90g desenvolvido pela Suzano Papel e Celulose.

A tiragem desta edição é de 1000 exemplares.

